



Uma proposta para classificação das inferências: teorias revistas

A proposal for classification of inferences: theories revisited

Geraldo Emanuel De Abreu Silva¹

Resumo: Desde a década de 1950 os estudos sobre o aprendizado da leitura vêm mudando consideravelmente, ora focando na tradução de signos em sons, ora destacando seu caráter cognitivo e sociocultural. Especificamente sobre os fatores cognitivos, destaca-se que a Psicolinguística aportou grandes contribuições para o entendimento da tarefa leitora e vários são os autores que se dedicam a elucidar o funcionamento da mente no entendimento de textos, tais como Fauconnier (1994;2002), Trabasso e Magliano (1996); León (2003); Cassany (2006); Escudero e León (2007) e Escudero (2010). Esses estudiosos têm em comum a visão das inferências como centro da compreensão leitora e elemento imprescindível na apreensão de significados, portanto busca-se neste trabalho oferecer uma revisão teórica sobre conceitos chave para compreender o que são as inferências, como os tipos de memórias envolvidos na leitura, os espaços mentais, o conceito de frames e os tipos de inferências que se pode elaborar ao longo de uma leitura. Elaborar-se, igualmente, uma representação esquemática e um fluxograma para explicitar, de maneira didática, as teorias visitadas no trabalho. Por fim, pode-se verificar como as inferências estão no núcleo dos processos de construção que realiza o leitor para alcançar uma leitura bem sucedida.

Palavras-chave: Inferências, Leitura, Espaços mentais.

Abstract: Reading acquisition studies have changed significantly since the 1950s, either by focusing on sign-sound translation, or by highlighting the cognitive and sociocultural character of reading. In regards to cognitive factors, Psycholinguistics is believed to have greatly contributed to the understanding of reading acquisition through the works of scholars such as Fauconnier (1994, 2002), Trabasso and Magliano (1996); Leon (2003); Cassany (2006); León and Escudero (2007), and Escudero (2010), who hold inferences as the core of reading comprehension and thus an essential element for meaning construction. Hence, this paper presents a literature review of inference key concepts such as types of memory required for reading, mental spaces, frames, and the types of inferences that can be made throughout reading comprehension tasks. A schematic representation and a flow chart are also presented to didactically explain the theories discussed in the paper, the conclusion of which is that inferences are at the core of the meaning construction processes the reader undergoes in order to read successfully.

Keywords: Inferences, Reading, Mental Spaces

¹ Mestre em Estudos Linguísticos pela UFMG e Doutorando em Linguística Aplicada na mesma instituição. E-mail: gemabreu@gmail.com

Introdução

A leitura é um processo bastante complexo que envolve a decodificação lexical, fatores cognitivos e os componentes socioculturais. Destaca-se que dentro dos fatores cognitivos as inferências merecem destaque dada a importância que recebem nos estudos sobre a leitura e a apreensão de significados atualmente, além do mais fazem parte das bases para a apreensão de significados de qualquer texto. Segundo León (2003, p. 23), “nos últimos trinta anos o estudo das inferências adquiriu tanta relevância que atualmente se considera o núcleo da compreensão da realidade e, portanto, um dos pilares da cognição humana”², assim vemos como imprescindível a abordagem das inferências com detalhamento neste artigo. Busca-se explicitar os conceitos básicos sobre o que são as inferências, seu funcionamento no momento da leitura e sua importância para a compreensão da dimensão discursiva que está presente em todo e qualquer texto trabalhado em sala de aula. Antes, no entanto, faz-se necessário abordar alguns conceitos chave para que entendamos melhor como se dá a organização, o armazenamento e a recuperação dos conhecimentos em nossas mentes. Em seguida, apresentaremos, de forma rápida, o conceito de Espaços Mentais de Fauconnier que é importante para compreendermos como se organizam as memórias para alcançar significados em um texto. Posteriormente, apresentamos os conceitos, as taxonomias e as teorias que visam a explicar o funcionamento das inferências, por fim oferecemos algumas conclusões desprendidas a partir deste trabalho.

Memória de trabalho e Memória de longo prazo

Diversos autores como Trabasso e Magliano (1996); León (2003); Goldman e Varma, (1995 *apud* León 2003); Cassany (2006); Escudero e León (2007) e Escudero (2010), abordam um modelo de armazenamento de dados dividido em dois tipos de memória, a de trabalho (MT) e a de longo prazo (MLP), que são responsáveis por distribuir os recursos necessários para o processamento dos textos, consequentemente quanto maiores forem os recursos disponíveis na memória, maior será a quantidade de inferências que o indivíduo será capaz de realizar.

A memória de trabalho tem capacidade limitada de armazenamento e é, segundo León e Escudero (2007, p.3), “um espaço comum de trabalho onde acontece o processamento da oração que está sendo lida a cada momento, acompanhada basicamente pela informação que aparece no texto e as inferências associadas às orações adjacentes”³. Seus recursos limitam a quantidade de conhecimentos prévios que serão ativados simultaneamente o que afeta de maneira direta a capacidade de realizar inferências, além de ser responsável pelo controle e processamento das informações imediatas do texto (León 2003; Escudero e León, 2007; Goldman e Varma (op. cit., *apud* León 2003).

² Tradução nossa. Original: “En los últimos años el estudio de las inferencias ha adquirido tanta relevancia que actualmente se considera el núcleo de la comprensión de la realidad y, por tanto, uno de los pilares de la cognición humana”.

³ Tradução nossa. Original: “De esta forma, la MT es un espacio común de trabajo donde tiene lugar el procesamiento de la oración que está siendo leída en cada momento (O), acompañada básicamente por la información que aparece en el texto y las inferencias asociadas a las oraciones adyacentes”.

Alguns modelos estabelecem, inclusive, a quantidade de orações que ela é capaz de processar, como afirmam Trabasso e Magliano (1996, p. 262), "o modelo apresentado aqui assume que a capacidade da memória de trabalho é de duas sentenças"⁴. Outros não fazem essa definição, no entanto estabelecem uma relação entre o nível de processamento e os poucos recursos da memória de trabalho. Segundo esses modelos (Goldman e Varma, 1995, apud León, 2003), os recursos serão distribuídos de acordo com o número de processamentos que o texto exigir, portanto, quando a exigência for maior que os recursos disponíveis na memória de trabalho, informações podem deixar de ser processadas. Devido a essa limitação, leitores não poderão, conseqüentemente, recuperar ao mesmo tempo toda a informação relacionada ao texto (Escudero e León, 2007), o que influenciará na capacidade inferencial.

Neste sentido, podemos dizer que a memória de trabalho exerce um papel essencial na compreensão, já que a informação que se ativa durante a leitura de um texto está sempre sujeita a sua capacidade limitada. Desta forma, e dado que a MT determina a informação ativada em cada momento ou ciclo, também influencia no tipo de inferências que se geram durante a leitura, e que são parte essencial da compreensão. (op. cit., p.2)⁵

Fica claro que a MT possui uma capacidade reduzida de processamento de informações devido a suas limitações, no entanto, para Trabasso e Magliano (1996), ela tem papel fundamental na leitura, pois permite que as informações de uma frase anterior à que está sendo lida estejam disponíveis para o processamento, desde que a informação seja útil para a compreensão. Logo, quando uma informação deixa de ser relevante para a frase que está sendo lida ou as subsequentes, ela é excluída da memória de trabalho. Em geral, a manutenção dessas informações é feita para explicar e prever.

As restrições da memória de trabalho, posteriormente, começaram a ser questionadas e autores como Ericsson e Kintsch (1995, apud León 2003) e Escudero (2010) propõem um tipo de memória que é mais desenvolvida em leitores experientes e que interconecta vários pacotes de informações armazenados na memória do leitor. Essa memória é definida como de longo prazo (MLP), é através dela que o leitor recupera estruturas armazenadas há mais tempo na memória. Esse modelo permite que as restrições da memória de trabalho sejam bruscamente reduzidas. Há uma tendência em considerar que os dois tipos de memória funcionam interligados, assim, quando as estruturas disponíveis na memória de trabalho se tornam insuficientes para a apreensão de significados, a memória de longo prazo será ativada, ocorrendo isso a cada novo ciclo de processamento dos textos. Escudero define de maneira bastante elucidativa como se dá a relação entre a MT e a MLP:

O leitor experiente conta com estruturas de recuperação de informação que residem na memória de longo prazo, dispondo só de alguns indícios ou sinais destas estruturas na memória de trabalho. Este "sinal" mais a estrutura de recuperação mitiga drasticamente as limitações da memória, já que processa de maneira imediata a informação relacionada a estas estruturas de conhecimento, ao mesmo tempo que reduz sensivelmente a informação restante na memória de trabalho. (ESCUADERO, 2010, p. 4).⁶

⁴ Tradução nossa. Original: "The model presented here assumes that the capacity of working memory is about two sentences".

⁵ Tradução nossa. Original: "En este sentido, podemos decir que la memoria de trabajo juega un papel esencial en la comprensión, ya que la información que se activa durante la lectura de un texto está siempre sujeta a su capacidad limitada. De forma añadida, y dado que la MT determina la información activada en cada momento o ciclo, también influye en el tipo de inferencias que se generan durante la lectura, y que son parte esencial de la comprensión".

⁶ Tradução nossa. Original: "El lector experto cuenta con estructuras de recuperación de información que residen en la memoria de trabajo a largo plazo, disponiendo sólo de algunos indicios o señales de estas estructuras en la memoria de trabajo. Esta "señal" más la estructura

De acordo com a autora, a ativação das duas memórias ocorre de maneira síncrona, de modo que, sempre que a MT se torna insuficiente a MLP é ativada e, portanto, a informação será restabelecida na MT a partir da recuperação da representação do texto elaborada na MLP (Trabasso e Magliano, 1996). Portanto:

Ambas memórias, a de trabalho e a de longo prazo, resultam essenciais para o processo de compreensão da linguagem, tanto para armazenar a informação parcial de um texto enquanto se está lendo quanto para construir um significado coerente do texto completo. (Escudero e León, 2007, p.1).⁷

Cassany (2006), nos oferece uma analogia bastante interessante sobre os dois tipos de memória. Para o autor, elas funcionam como estantes de livros (MLP) e uma mesa de trabalho (MT): nas estantes há espaço ilimitado para guardar tudo, enquanto na mesa somente cabem alguns livros abertos, que devem ser trocados pelos da estante de acordo com a necessidade do leitor.

Os dois tipos de memória nos mostram como a recuperação de informações armazenadas ocorre, mas não explica a forma como essas informações são armazenadas. Para isso, surgem modelos mentais ou modelos da situação que “pretendem justamente mostrar os processos de construção que realiza o leitor” (ESCUADERO, 2010, p.5) e que vêm ocupando boa parte dos estudos sobre a compreensão. Neste trabalho, nos ateremos ao modelo dos Espaços Mentais de Gilles Fauconnier (1994; 2002); (2005)⁸ e o abordaremos de forma sucinta na seção seguinte.

Os espaços mentais de Fauconnier

Viu-se que nós, leitores, recorremos a dois tipos de memória para recuperar nossos conhecimentos para depreender significados (MT e MLP), no entanto, falta entender de que forma esses conhecimentos são organizados nas memórias de trabalho e de longo prazo, para tanto, adotamos a teoria dos espaços mentais desenvolvida por Gilles Fauconnier e que, segundo Azevedo (2006, p.35) “constitui um elemento importante para a descrição de operações cognitivas ligadas ao pensamento”.

Em entrevista dada a Coscarelli (2005), Fauconnier, ao responder sobre o que seriam os espaços mentais, afirma que “é difícil definir um espaço mental abstratamente” (p. 291) e amplia o tema:

Espaços mentais se referem ao que acontece por detrás das cenas quando falamos ou pensamos; são construções mentais muito complexas, até mesmo para as sentenças mais corriqueiras. São pequenos conjuntos de memória de trabalho que construímos enquanto pensamos e falamos. (COSCARELLI, 2005, p. 291)

Para Fauconnier (2002), eles são construções teóricas concebidas para modelar a organização cognitiva de alto nível desse “de trás das cenas”, isso, a seu turno, se refere a um conjunto de ações não observáveis que acontecem nos bastidores cognitivos como estratégias linguísticas, pragmáticas e culturais, raciocínios cotidianos e do senso comum e as conexões que os ligam. Ainda segundo o autor,

de recuperación mitiga drásticamente las limitaciones de la memoria, ya que procesa de manera inmediata la información relacionada con estas estructuras de conocimiento, a la vez que reduce sensiblemente la información restante en la memoria de trabajo”.

⁷ Tradução nossa. Original: “Ambas memorias, la memoria de trabajo y la memoria a largo plazo, resultan esenciales en el proceso de comprensión del lenguaje, tanto para almacenar la información parcial de un texto mientras se está leyendo como para construir un significado coherente del texto completo”.

⁸ Entrevista concedida à Professora Carla Viana Coscarelli em 2005, na qual Fauconnier aborda a tema com detalhamento, assim sendo, nas referências finais a encontraremos em nome da professora, ainda que sejam palavras do autor.

isso parece ser universal, independente das diferentes línguas e culturas e, quando ocorre esse conjunto de ações aplicado a situações pragmáticas ricas, se produzem construções de significados ilimitadas. No entanto, reitera o autor, tudo isso "são suposições, uma vez que ninguém, de fato, pode ver os espaços mentais no cérebro. (COSCARRELLI, 2005, p.291).

Os espaços mentais, como destacado acima, são conjuntos de ações construídos e modificados a partir do desdobramento do pensamento e do discurso, que se conectam entre si através de montagens neuronais e podem ser ativados de diferentes maneiras para diferentes propósitos, como pelas experiências prévias (comprar, pegar um ônibus, ir ao cinema, relações sociais etc.), seja para retomar um evento passado ou para examinar uma situação presente, suas causas e consequências. Sob essa visão, "os espaços mentais funcionam na memória de trabalho, mas são construídos, em parte, pela ativação de estruturas disponíveis a partir da memória de longo prazo" (FAUCONNIER, 2002, p.2), ou seja, os dois tipos de memória trabalham de forma concomitante na criação dos espaços mentais.

Assim, segundo Azevedo (2006, p.3), os espaços mentais podem ser de vários tipos: "temporais; imagéticos; hipotéticos, contrafactuais; dramáticos (peças teatrais, filmes); indicadores de crenças, desejos etc." e os leitores os ativam e exploram de acordo com a necessidade surgida.

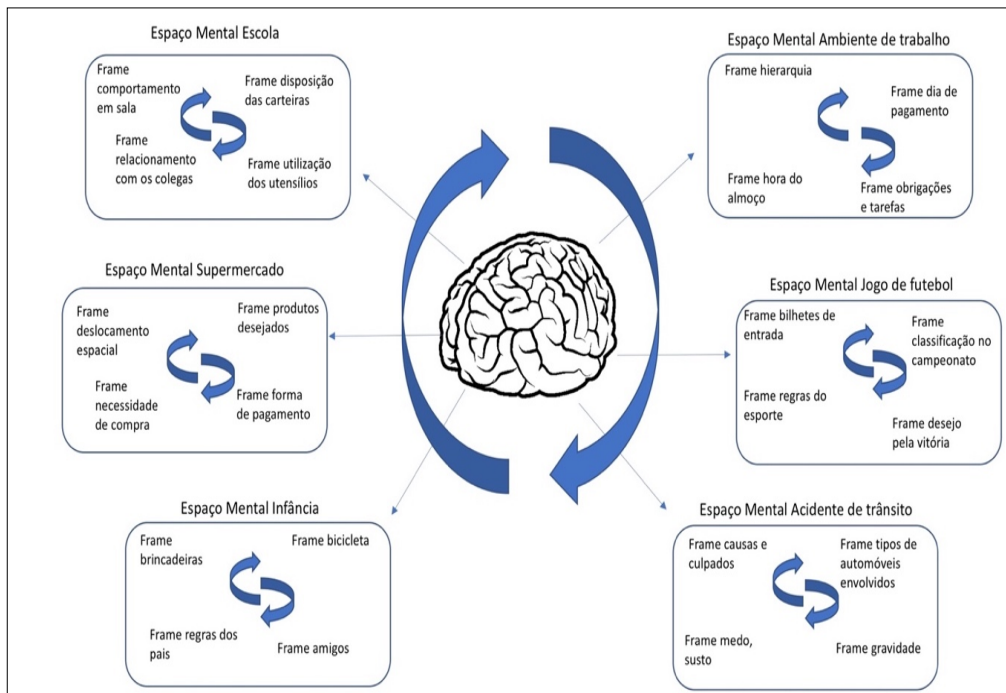
Os espaços mentais possuem conteúdos específicos de acordo com seu tipo e são estruturados por *frames* ou esquemas, segundo Palmer (1996, apud. AZEVEDO, 2006, p. 31) *frames* são

[...] molduras nas quais encaixamos a experiência e que nos permitem inferências e espaços mentais, neste quadro, são representações teóricas de possíveis construções cognitivas, que acontecem à medida que elaboramos nossos pensamentos, falamos ou interpretamos linguagem. Por exemplo, há uma configuração de espaços para "Naquela época eu tinha uma bicicleta. Naquela época, um "construtor de espaços", nos termos da teoria, suscita a constituição de um espaço PASSADO, estruturado pelo frame que contém os elementos eu e minha bicicleta. (Destaque do original)

Viu-se que temos a capacidade de ativar, armazenar e agrupar infinitos espaços mentais que, por sua vez, podem ligar-se e projetar-se sobre outros espaços mentais, o que ocorre, por exemplo ao "[...] projetarmos inferências que são válidas em um espaço mental em um outro espaço, como acontece nas analogias em geral ou em espaços mesclados nos quais você tem muitas inferências feitas a partir de determinado input". (COSCARRELLI, 2005, p.299). Ademais, espaços diferentes podem compartilhar os mesmos *frames*, o que permite que atravessemos de um espaço mental para outro a todo momento, sem prejuízo às informações. "Dessa forma, enquanto você pensa ou fala, você está metaforicamente se movendo de um espaço mental para um outro, e mudando de pontos de vista e de perspectivas" (COSCARRELLI, 2005, p.296). Essa projeção entre espaços mentais torna o processo muito rico, permitindo-nos criar relações do tipo "causa e efeito, mudança, identidade, tempo, espaço, entre outras" (COSCARRELLI, *op. cit.*, p.293) e depreender significados de um texto, mesmo não estando explícitos, a partir de nossa capacidade de armazenamento e ativação dos espaços e seus frames, a capacidade inferencial. Na figura 1, a seguir, elaboramos um esquema didático para compreendermos como se dá a organização dos espaços mentais e seus frames.

Não temos a intenção de estabelecer a quantidade exata de espaços mentais ou *frames*, mas sim mostrar a interrelação entre esses fatores. Além do mais, os espaços mentais existem em número ilimitado, assim como contêm infinitos números de *frames*, variando de indivíduo para indivíduo, de acordo com seus conhecimentos e experiências prévias, além da existência de *sub-frames*.

Figura 1: Representação esquemática dos espaços mentais.



Fonte: Elaborado pelo autor; baseado em Fauconnier (1994; 2002; 2015)

Na figura, as setas maiores em formato circular representam a capacidade de movimentação e cooperação entre espaços mentais, como em ciclos contínuos, e as menores, dentro dos espaços mentais, representam a relação cíclica entre os frames. Essas relações são de complementação e co-ativação, um espaço mental, por relacionar-se com os outros, pode contribuir para sua ativação durante a leitura. Por exemplo, o espaço mental Infância pode ser ativado pelo espaço mental Escola ou vice-versa. Da mesma maneira, os *frames* não são exclusivos, pelo contrário, eles são compartilhados entre os espaços mentais, por exemplo, o *frame* Hierarquia contido no espaço mental Ambiente de Trabalho também pode ser compartilhado com o espaço mental Escola ou, até mesmo, Infância. O *frame* Forma de Pagamento do espaço mental Supermercado pode ser ativado no espaço mental Jogo de futebol que, por sua vez, pode ativar o *frame* Amigos contido no espaço mental Infância e Escola. Acreditamos que a figura mostra de maneira didática a relação de co-ativação, de cooperação e de complementação entre espaços mentais e *frames*.

Algumas definições de inferências

Várias são as definições de inferências para Marcuschi (2011, p. 94), "inferir é compreender [...] o certo é que as inferências são produzidas com o aporte de elementos sociosemânticos, cognitivos, situacionais, históricos, linguísticos, de vários tipos que operam integradamente". Para Ferreira e Dias (1994), ela é um ato cognitivo, inteligente e intencional, criativo e de raciocínio lógico, que se produz através da união de informações novas e antigas, criando redes de informações que levam à compreensão

geral dos objetivos de um texto. Essas informações novas são elaboradas no momento da leitura e as antigas se referem aos nossos conhecimentos socioculturais armazenados na memória de trabalho e de longo prazo. Para Dell'Isola,

As ideias, impressões e conhecimentos arquivados na memória dos indivíduos têm relação direta com a capacidade de inferir: quanto maior a quantidade de informações arquivadas, mais apta a pessoa está para compreender um texto. Assim, os conhecimentos adquiridos, as experiências vividas, tudo o que está registrado em sua mente contribui para o preenchimento das lacunas textuais. (Glossário CEALE – FAE/UFMG, acessado em fevereiro de 2017)

Monfort e Monfort (2013) definem a inferência como uma previsão ou uma dedução de uma informação que derivam dos conhecimentos culturais e de conhecimentos empíricos e lógicos anteriores à situação. Para os autores (2013, p.1)⁹, "fazer inferências é ir "além" dos dados explícitos, sejam verbais ou não. É uma atividade constante da mente do ser humano que, permanentemente busca atribuir significados à realidade e intenções às pessoas".

León (2003, p.24) afirma que "as inferências se identificam com representações mentais que o leitor constrói, acrescentando, integrando e omitindo informação ao texto"¹⁰ para dotar de maior sentido ou coerência segmentos de informação e, com isso, poder revelar "o oculto, ler as entrelinhas, fazer explícitas as informações implícitas"¹¹ (op. cit. p.27), elaborando na mente representações coerentes do que foi lido. O autor afirma que, de maneira geral, qualquer informação extraída do texto que não seja explícita é uma inferência.

Chikalanga (1992) a define como a habilidade de entender os significados implícitos do texto a partir de um processo cognitivo elaborado pelo leitor com base em dois recursos de informação: os conteúdos proposicionais (informações trazidas no texto) e conhecimentos prévios (socioculturais). Escudero (2010) define inferência como uma forma construtiva para completar a mensagem recebida, a autora reitera que ela ocorre

[...] mediante a adição de elementos semânticos não explícitos, mas consistentes com o contexto de comunicação e com os próprios conhecimentos prévios do leitor. Estas se produzem em qualquer contexto comunicativo, seja este através da leitura, da palavra ou da imagem operando, inclusive, nas situações mais simples do pensamento. (op. cit. p.2)¹²

Coscarelli (1999, p.104), em consonância com Dell'Isola (1988), afirma que inferências são operações cognitivas que o leitor realiza para construir proposições novas a partir de informações que ele encontrou no texto. A segunda autora nos oferece uma definição bastante completa do termo que, ao nosso ver, consegue abarcar muitas das definições vistas anteriormente, segundo ela:

Inferência é um processo cognitivo que gera uma informação semântica nova a partir de uma informação semântica anterior em um determinado contexto. Inferência é, pois, uma operação cognitiva em que o leitor constrói novas proposições a partir de outras já dadas. Porém não ocorre apenas quando o leitor estabelece elos lexicais, organiza redes conceituais no interior do texto. Ocorre também quando o leitor busca extratexto

⁹ Tradução nossa. Original: "hacer inferencias es ir 'más allá' de los datos explícitos, sean verbales o no. Es una actividad constante de la mente del ser humano que, permanentemente, busca atribuir significados a la realidad e intenciones a las personas".

¹⁰ Tradução nossa. Original: "Las inferencias se identifican con representaciones mentales que el lector construye, añadiendo, integrando y omitiendo información del texto".

¹¹ Tradução nossa. Original: "lo oculto, leer entre líneas, hacer explícitas informaciones implícitas".

¹² Tradução nossa. Original: "[...] mediante la adición de elementos semánticos no explícitos, pero consistentes con el contexto de comunicación y con los propios conocimientos previos del lector. Estas se producen en cualquier contexto comunicativo, ya sea éste a través de la lectura, de la palabra o de la imagen operando, incluso, en las situaciones más simples de pensamiento".

informações e conhecimentos adquiridos pela experiência de vida, com os quais preenche os "vazios textuais". O leitor traz para o texto um universo individual que interfere na sua leitura, uma vez que extrai inferências determinadas por seu "eu" psicológico e social. (DELL'ISOLA, 1988, p. 46)

Em termos gerais, neste trabalho, entendemos inferências como nossa capacidade para preencher lacunas e compreender significados que vão além do que as palavras descrevem, recorrendo à dimensão argumentativa dos textos, ao contexto de produção, à forma de divulgação, à busca pela percepção da intenção do autor (suas ideologias, valores, pontos de vista etc.), aspectos gráficos, percepção social do leitor, informações extratextuais etc. e que se dá através do aporte dos nossos conhecimentos prévios socioculturais e linguísticos, além, claro, de nossa capacidade cognitiva.

O que é necessário para realizar inferências?

Segundo León (2003), não há concordância entre os teóricos sobre quais inferências são mais comuns ou frequentes, ou qual classificação é mais adequada, no entanto, pode-se destacar alguns princípios básicos para que as realizemos durante a leitura:

1º- que o indivíduo possua conhecimentos prévios necessários e os relacione ao que lê. Não existem inferências se o leitor não dispõe de conhecimentos prévios e não os ativa. Para o autor (op. cit., p. 31), "é justamente o conhecimento do qual dispõe o leitor e sua relação com o que lê o motor que induz a realização de inferências"¹³.

Com relação a esse princípio, Escudero (2010, p.2) elabora uma explicação mais rica

As inferências podem ser geradas a partir do nosso fundo de conhecimento geral de mundo e das ações humanas, da informação contida no texto e que lemos previamente, ou de inferências que já foram geradas a partir do nosso conhecimento prévio e da MLP para representar o texto já lido. Desta maneira, se assume que a informação necessária para gerar uma inferência pode provir, de nosso conhecimento de mundo, da retomada da representação do texto lido na MLP ou da informação que se retém ou se mantém na MT da frase imediatamente anterior.¹⁴

2º- que esses conhecimentos ou parte dele sejam compartilhados com o autor do texto. É fundamental que o leitor e autor se situem no momento da leitura, compartilhem dados e façam do texto um "ponto de encontro". Ainda segundo León (2003, p.32), "escritor e leitor devem compartilhar um espaço comum de conhecimento, seja este geral ou específico, linguístico ou pragmático"¹⁵

3º- que tenhamos em mente que as ideias de um texto sempre serão maiores que a soma dos significados de suas palavras (Shank, 1975, apud León, 2003). Ainda que somemos todos os significados das palavras de um texto, não chegaremos nem perto da quantidade de ideias que ele

¹³ Tradução nossa. Original: "es precisamente el conocimiento del que dispone el lector y su relación con lo que lee el motor que induce a la realización de inferencias".

¹⁴ Tradução nossa. Original: "Las inferencias pueden generarse desde nuestro fondo de conocimiento general del mundo o de las acciones humanas, de la información contenida en el texto y que hemos leído previamente, o de inferencias que ya fueron generadas desde nuestro conocimiento previo y desde la MLP para representar el texto ya leído. De esta manera, se asume que la información necesaria para generar una inferencia puede provenir, o bien de nuestro conocimiento del mundo, bien del resultado de retomar la representación del texto leído en la MLP, o bien de la información que se retiene o mantiene en la MT de la frase inmediatamente anterior".

¹⁵ Tradução nossa. Original: "escritor y lector deben participar de un espacio común de conocimiento, ya sea éste general o específico, lingüístico o pragmático".

expressa: “[...] sempre acabamos processando mais informação do que lemos de maneira explícita” (LEÓN, 2003, p.3)¹⁶.

Tipos de inferências

Salcedo (2015) destaca que há diversas classificações sobre as inferências que ora são complementares, ora contraditórias e que tampouco existe uma classificação única, o que dá origem a diversas taxonomias. No entanto, há três formas de classificá-las que aparecem com mais frequência em trabalhos sobre o tema. A primeira diferencia entre inferências de coesão textual (linguísticas ou léxicas) e inferências elaborativas. A segunda entre inferências locais e globais. E a terceira entre inferências on-line (durante a leitura) e off-line (após a leitura). Elas terminam sendo retomadas em outros trabalhos com distintos nomes, porém mantêm essas bases destacadas pelo autor.

León (2003) afirma que há uma tendência geral em dividi-las em dois grupos maiores: as inferências lógicas e as pragmáticas (León 2003; Monfort e Monfort, 2015); para Salcedo (2015), as dedutivas e as indutivas; e para Chikalanga (1992), *text-connecting* e *slot-filling (gap-filling)*.

As lógicas se baseiam na aplicação de regras formais (lógicas e/ou quantitativas) que auxiliam na obtenção do grau máximo de certeza (100%, segundo o autor) a partir dos dados disponíveis, se realizam durante a leitura, logo são inferências *on-line* e possuem enorme rapidez de processamento, como aplicação de raciocínios lógicos simples em conversações ou de conhecimentos que fazem parte do senso comum, por exemplo, se dizemos que Pedro é mais novo que Francisco, torna-se lógico que os indivíduos infiram que Francisco é o mais velho dos dois, ou se dizemos que todo brasileiro gosta de futebol e Pedro é brasileiro, logo inferimos que ele gosta de futebol. Portanto, constroem-se mediante sistemas de raciocínio lógico como cálculos, teoremas, estatísticas, fórmulas etc. e se relacionam ao poder de dedução dos indivíduos. Esse tipo de inferência não é foco dos estudos na área de educação, visto que a variabilidade de significados elaborados a partir dele é pequena.

Por outro lado, as pragmáticas são aquelas baseadas nos conhecimentos socioculturais dos indivíduos, “se acomodam a um saber compartilhado por pessoas que pertencem a uma mesma cultura” (LEÓN, 2003, p.24)¹⁷. Possuem grau menor de certeza e podem ser canceladas ou modificadas, já que se assume que algo pode ser exato a partir de suposições ou probabilidades, mesmo sem provas concretas. Para o autor (2003, p.23), “geramos expectativas sobre uma situação dada e que nos parece certa, ainda que não seja necessariamente assim”¹⁸. À diferença das lógicas, estas podem ocorrer tanto durante quanto após a leitura (logo podem ser *on-line* ou *off-line*). Ademais, os conhecimentos, nesse caso, não são compartilhados por todos, pois exigem conhecimentos socioculturais mais específicos, especializados e não espontâneos. A partir das inferências pragmáticas, os leitores podem fazer suposições sobre o lugar da ação, disposição espacial de objetos, causas e consequências de acontecimentos, características dos personagens (traços físicos, psicológicos e emocionais), intenções do autor, posições ideológicas etc., ou seja, serão inferências plausíveis que darão coerência ao texto de acordo com o que seu contexto permite.

¹⁶ Tradução nossa. Original: “[...] siempre acabamos procesando más información de la que leemos de manera explícita”

¹⁷ Tradução nossa. Original: “se acomodan a un saber compartido por personas que pertenecen a una misma cultura”

¹⁸ Tradução nossa. Original: “generamos expectativas sobre una situación dada y que nos parece cierta, aunque no sea necesariamente así”

Pensemos no seguinte exemplo: “Por que Ângela chegou completamente molhada em casa se já havia parado de chover há horas? Várias são as inferências possíveis a partir desse enunciado, podemos inferir que Ângela se molhou durante a chuva e ainda não havia se secado ou que ela foi molhada por um carro que passou em uma poça de água criada pela chuva. O que de fato fica claro é que as duas inferências podem ser canceladas ou modificadas, ou seja, não são 100% exatas.

Salcedo (2015) e Chikalanga (1992) destacam que a palavra inferência nas últimas décadas começou a aparecer em programas e diretrizes escolares, como o PNLD no caso brasileiro, e, também, em materiais didáticos como uma habilidade de leitura a ser explorada, ou para Solé (1998), uma estratégia de leitura. No entanto, apesar disso, nesses documentos oficiais, não há explicações do que são inferências, de que tipo são ou quando se elaboram, o que impossibilita que professores possam explorá-la com eficiência. Além do mais, é importante ressaltar que

Quando no campo da educação se utiliza a palavra “inferência”, costuma-se fazer referência às inferências pragmáticas. A palavra “inferência” aparece atualmente em materiais escolares relacionados com a língua ou a compreensão leitora. (SALCEDO, 2015, p.108)¹⁹

Portanto, neste artigo, por inserir-se no campo da educação, abordaremos as inferências pragmáticas, pois essas acontecem em contextos mais amplos e comuns do cotidiano de comunicação, além de oferecer um material de análise mais amplo, visto a variedade de interpretações que podem se desprender a partir delas.

Todos os autores citados nesta seção coincidem na existência de diferentes tipos de inferências pragmáticas, que variam de taxonomia segundo o teórico que as aborda, ora focadas no seu conteúdo, ora na sua função, na sua forma lógica ou na sua direção (LEÓN, 2003). A seguir, apresentamos algumas concepções que nos pareceram mais claras e que adotaremos neste trabalho.

No trabalho de León (2003), citado por vários outros autores, como Salcedo (2015) e Escudero (2004; 2010), entre outros e, exaustivamente, mencionado neste artigo por sua validade e qualidade, encontra-se uma revisão bastante completa sobre o tema, destacando-se critérios de classificação das inferências, dentro os quais destacamos:

(a) o momento em que ocorrem: podem ocorrer durante a leitura (on-line) ou posterior a ela (*off-line*).

(b) direção em que ocorrem: podem ser “para atrás” (*hacia atrás*, explicativas, integrativas, conectivas, *punte*, *backward* ou retroativas): estabelecem a conexão entre duas frases unindo a informação recente à imediatamente anterior, servem para manter a coerência local e ocorrem durante a leitura (logo, são também on-line). Determinam a referência pronominal, nominal, eliminam ambiguidades lexicais e permitem a conexão entre uma anáfora e seu referente (LEÓN, 2003).

Podem ser, também, “para frente” (*hacia delante*, *proyectivas*, elaborativas, *forward* ou *extrapolativas*): permitem prever consequências e/ou acontecimentos derivados do que foi lido e das expectativas do leitor, ocorrem após a leitura (logo, são *off-line*) e aportam informação complementar e precisa sobre o que já foi lido (LEÓN, 2003; ESCUDERO, 2007; LEÓN e ESCUDERO, 2010)

¹⁹ Tradução nossa. Original: “Cuando en el campo de la educación se utiliza la palabra “inferencia”, se suele hacer referencia a las inferencias pragmáticas. La palabra “inferencia” aparece actualmente en materiales escolares relacionados con la lengua o la comprensión lectora”.

(c) estabelecimento de coerência local e global: no primeiro caso, as inferências são recuperadas entre frases próximas, curtos seguimentos do texto e relações anafóricas (logo, são “para trás”) e ocorrem durante a leitura (logo, são *on-line*).

No segundo caso, há a conexão entre partes maiores ou mais distantes dos textos a informações do discurso e dos conhecimentos de mundo do leitor conforme León (2003, p.28), “o leitor organiza a informação lida dentro de uma representação estudada que, de uma maneira ideal, consegue integrá-la dentro de uma estrutura global causal”²⁰.

Relacionado aos critérios de classificação elaborados por León (2003), alguns autores oferecem taxonomias dos tipos de inferências construídas para apreensão de significados. Chikalanga (1992) apresenta uma classificação com foco em ser útil para o ensino da leitura. Como destacado pelo autor, as taxonomias são amplamente usadas no âmbito da pesquisa, mas não no âmbito do ensino de leitura, portanto é importante uma definição voltada para esse fim. Para ele, essa classificação se faz importante, pois facilita o direcionamento do trabalho de professores para qual tipo de informação implícita busca e, também, para guiar melhor os alunos durante a leitura, além de poder identificar possíveis debilidades desses. Ela permite, também, que professores possam analisar os livros didáticos fazendo um levantamento do tipo de inferências que está sendo exigido, o que pode direcionar sua prática em sala de aula buscando mostrar aos alunos qual tipo de conhecimento ele precisa acionar.

Chikalanga adota em seu trabalho dois grupos amplos de inferências, as chamadas “*text-connecting*” (se relacionam as inferências lógicas que alcançam 100% de precisão), ou seja, as que requerem encontrar relações lógicas implícitas entre proposições ou eventos que o texto permite. E as “*slot-filling* ou *gap-filling*”, que se relacionam com as inferências pragmáticas, pois são mais plausíveis e não necessariamente verdadeiras e requerem a ativação dos conhecimentos de mundo do leitor para completar informações implícitas dos textos, são sugeridas pelo contexto e pelo conhecimento sociocultural dos leitores.

A taxonomia sugerida por Chikalanga possui três categorias básicas: a lexical, a proposicional e a pragmática, que possuem subdivisões de acordo com o tipo de inferências que se realiza.

Inferências léxicas, ou para Monfort e Monfort (2013) **inferências linguísticas**: envolvem os referentes pronominais e anafóricos, significados de palavras ou expressões pouco familiares além da resolução de ambiguidades provenientes do léxico. São divididas em (a) inferências pronominais e (b) inferências de desambiguação/reconhecimento de significados não familiares. São *on-line*, “para atrás” e estabelecem a coerência local.

Inferências proposicionais, ou para Monfort e Monfort (*op. cit.*) **inferências logico-culturais**: inferências lógicas derivadas do conteúdo semântico do texto (sua elaboração dependerá dos significados atribuídos pelos leitores às informações do texto), são baseadas em informações expressadas em um ou dois parágrafos ou apenas frases. São divididas em (a) informativas lógicas (a.1 referenciais, a.2 espaço-temporais), envolvem pessoas, instrumentos, objetos, lugares, tempo específicos; e (b) explicativas lógicas (b.1 motivacionais, b.2 causais e b.3 permissivas), envolvem motivações, causas ou consequências e as permissivas envolvem as condições para que algo ocorra. São *on-line*, “para atrás” e estabelecem a coerência local.

²⁰ Tradução nossa. Original: “el lector organiza la información leída dentro de una representación estudiada que, de una manera ideal, consigue integrarla dentro de una estructura global causal”.

Inferências pragmáticas (elaborativas)²¹: são inferências elaboradas a partir informações não contidas no texto, baseadas nos conhecimentos socioculturais dos leitores. São divididas em (a) informacionais elaborativas (a.a referenciais, a.b espaço temporais); (b) elaborativas explicativas (b.a motivacionais, b.b causais e b.c permissivas); e (c) avaliativas, se referem à capacidade de o leitor avaliar situações do texto e relacioná-las aos seus conhecimentos, assim inferindo as ideologias, intenções etc. dos textos. São *off-line*, “para frente” e estabelecem a coerência global.

Trabasso e Magliano (1996) propõem uma taxonomia dividida, também, em três tipos de inferências que ocorrem durante o entendimento de uma sentença, são elas: (1) **explicativas**, (2) **preditivas** e (3) **associativas**. Explicativas são orientadas “para trás”, são *on-line*, estabelecem a coerência local e são lógicas, servem para unir a sentença atual da leitura às informações anteriores no próprio texto ou conhecimentos prévios. Aproximam-se às proposicionais (b.1, b.2 e b.3) de Chikalanga.

Explicativas envolvem, principalmente, as razões pelas quais algo ocorre. Uma explicação pode fornecer a base, racionalidade, motivo, ideia, condição, ocasião, pretexto ou o “porque e o por que” de eventos, estados e ações em uma narrativa. [...] Explicações identificam condições que são necessárias para a ocorrência de todos os constituintes de um episódio: estados externos, eventos, metas e outros estados internos, reações emocionais, ações e resultados que sinalizam o sucesso ou o fracasso do objetivo. (TRABASSO e MAGLIANO, 1996, p.259)²²

As preditivas são inferências elaborativas orientadas “para frente”, *on-line* e pragmáticas, se referem às expectativas ou previsões do leitor baseadas no que o texto permite em sua essência e que não são explicitadas por esse. Assemelham-se às proposicionais (a.1 e a.2) de Chikalanga.

As preditivas acontecem quando os leitores inferem consequências causais e futuras de um evento do texto. As previsões envolvem ocorrências possíveis e futuras e refletem as expectativas que um leitor tem com relação a esses possíveis eventos, metas, ações, resultados e emoções. Uma previsão pode antecipar um evento que ocorre mais tarde no texto e, portanto, é substanciado. Por outro lado, embora uma previsão possa ser plausível no contexto da frase focal e das circunstâncias da história, ela pode não ser explicitamente fundamentada pelo texto. As previsões de uma frase que são posteriormente confirmadas pelo texto função de integrar frases e criar coerência. (TRABASSO e MAGLIANO, 1996, p.260)²³

Por fim, as associativas são elaborativas, “para frente”, *off-line* e pragmáticas, acrescentam informações ao texto a partir dos conhecimentos de mundo relevantes para o momento da leitura. A diferença em relação às preditivas é que nestas pode-se gerar inferências que não são causais ou futuras baseadas nos conhecimentos socioculturais, desde que sejam plausíveis com o contexto. Assemelham-se às pragmáticas elaborativas de Chikalanga. Para os autores,

As associativas podem fornecer informações sobre quem faz o quê com quem, com que se faz, quando e onde. Eles também fornecem informações sobre características,

²¹ O autor utiliza também a definição pragmática, assim como León. No entanto, entendemos que a definição de Chikalanga está inserida na do segundo autor, tanto assim é esse ele faz a diferenciação em “elaborativas”. Portanto adotamos deliberadamente, quando referirmos às pragmáticas de Chikalanga, como pragmáticas elaborativas.

²² Tradução nossa. Original: “Explanations primarily serve as reasons why something occurs. An explanation can provide a ground, basis, rationale, motive, idea, condition, occasion, pretext, or the “why and wherefore” of events, states, and actions in a narrative. Explanations find their basis in the application of relevant world knowledge. Explanations identify conditions that are necessary for the occurrence of all the constituents of an episode: external states, events, goals and other internal states, emotional reactions, actions, and outcomes that signal goal success or failure”.

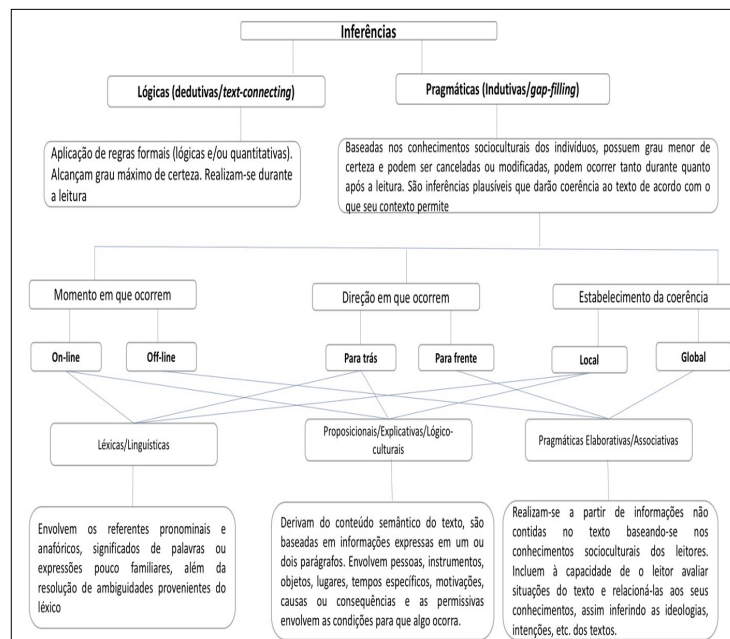
²³ Tradução nossa. Original: “Predictions result when readers infer future, causal consequences of a focal event. Predictions involve possible, future occurrences and reflect the expectations that a reader has with respect to these possible events, goals, actions, outcomes, and emotions. A prediction may anticipate an event that later occurs in the text and thus is substantiated. On the other hand, although a prediction may be plausible in the context of the focal sentence and the circumstances of the story, it may not be explicitly substantiated by the text. Predictions from a sentence that are later confirmed by the text function to integrate sentences and create coherence”.

propriedades, relações e funções de pessoas, objetos ou conceitos. As associações são ativadas pelas palavras de conteúdo, a frase focal e outras inferências. As associações servem para enriquecer e preencher lacunas do texto. As associações ocorrem junto à informação da frase focal. As associações são geralmente baseadas na ativação de conhecimento de mundo relevante e não no uso anterior do texto. No entanto, as associações anteriores podem ser recuperadas na leitura de uma frase focal e, se recuperadas, podem ser usadas para integrar o texto através de explicações ou previsões. Por exemplo, a associação que um arqueiro "é hábil no uso de um arco e flecha" pode ser usada para prever como o arqueiro vai matar um gigante. (TRABASSO e MAGLIANO, 1996, p.261)²⁴

O exemplo do arqueiro deixa clara a relação associativa, pois não é uma relação causal entre ser hábil com o arco e matar um gigante, é plausível, mas não confirmativo.

Pôde-se ver que há uma variedade de taxonomias, no entanto há a manutenção do embasamento que as gera. A seguir, apresentamos um fluxograma para explicitar a taxonomia que seguimos neste trabalho, além de oferecer um panorama resumido sobre as inferências. Acreditamos que as nomenclaturas vistas são complementares e que podem e devem ser exploradas em conjunto no ensino da leitura. Além do mais, o fluxograma pode auxiliar para que, futuramente, autores e professores preparem seus materiais de modo a compreender sob qual concepção as inferências podem ser abordadas de maneira ostensiva e crítica.

Figura 2: Fluxograma das inferências e suas características



Fonte: elaborado pelo autor; adaptado de Chikalanga (1992); Trabasso e Magliano (1996); León (2003); Escudero (2004); Escudero (2010); Salcedo (2015).

²⁴ Tradução nossa. Original: "Associations can provide information about who does what to whom with what, when, and where. They also provide information on features, properties, relations, and functions of persons, objects, or concepts. Associations are activated by the content words, the focal sentence, and other inferences. Associations serve to enrich and fill in the detail of a situation model of what is occurring. Associations are concurrent with the information in the focal sentence. Associations are usually based on the activation of relevant world knowledge rather than on the use of prior text. However, prior associations may be retrieved at the reading of a focal sentence and, if retrieved, could be used to integrate text through explanations or predictions. For example, the association that an archer "is skilled in the use of a bow and arrow" can be used to predict how the archer will kill a giant".

Conclusões

Através do amplo referencial teórico, discorreremos sobre as inferências, seus tipos, características e importância no momento da leitura. Acreditamos que elas representam um dos pilares para uma compreensão exitosa de textos e que devam ter sua exploração feita de maneira ostensiva em sala de aula. Elaboramos um artigo voltado para compreender o que são inferências e como funcionam na apreensão de significados de um texto ademais, buscamos demonstrar como a capacidade inferencial dos leitores tem papel imprescindível para a compreensão dos discursos que permeiam a sociedade como um todo. Pretendemos que este trabalho seja uma ferramenta útil no entendimento dos processos envolvidos antes, durante e após a leitura de um texto e dos preceitos teóricos que embasam a produção de significados por parte dos leitores, para tanto abarcar os conceitos e taxonomias das inferências é tarefa importante e esperamos isso seja feito em outros trabalhos da área. Acreditamos que através do fluxograma e figura apresentados ao longo deste trabalho, possamos alcançar os mais diversos públicos envolvidos com a instrução da capacidade leitora, sejam professores do ensino fundamental, médio ou superior, sejam professores de línguas estrangeiras ou materna e, também, futuros professores em processo de formação, pois, acreditamos que o domínio das teorias aqui abordadas culminará em práticas docentes mais focadas na exploração da capacidade inferencial dos alunos. Por fim, destacamos que este trabalho não pretende esgotar o tema, mas sim fomentar novas discussões sobre os preceitos teóricos aqui descritos com vistas a desenvolver mais debates sobre que são inferências e sua importância para o aprendizado.

Referências

- AZEVEDO, Adriana Maria Tenuta de. Estrutura narrativa e espaços mentais. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006. 249 p. Disponível em: <[http://www.letras.ufmg.br/site/e-livros/Estrutura Narrativa & Espaços Mentais.pdf](http://www.letras.ufmg.br/site/e-livros/Estrutura%20Narrativa%20&%20Espaços%20Mentais.pdf)>. Acesso em: 16 nov. 2016.
- BARTON, David; HAMILTON, Mary. La literacidad entendida como práctica social. 2008. In: ZAVALA, Virginia; NIÑO-MURCIA, Mercedes; AMES, Patricia (Org.). Escritura y sociedad: Nuevas perspectivas teóricas y etnográficas. Lima: Red Para El Desarrollo de Las Ciencias Sociales En El Perú, 2004. Cap. 4. p. 109-140. Tradução de Catalina Zapata-Vial.
- CASSANY, Daniel. *Tras las líneas*. Sobre la lectura contemporánea. Barcelona: Anagrama, 2006.
- CHIKALANGA, Israel. A suggest taxonomy of Inferences for the reading teacher. *Reading In A Foreign Language*, Avai, v. 8, n. 2, p.697-709, 1992. Disponível em: <<http://www.nflrc.hawaii.edu/rfl/PastIssues/rfl82chikalanga.pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2016.
- CONDE, Xavier Frías. Introducción a la psicolingüística. *Ianua: Revista Philologica Romanica*, [s. L.], n. 3, p.1-37, 2002. Disponível em: < <https://goo.gl/NqMSRm>>. Acesso em: 12 jan. 2017.
- COSCARELLI, Carla Viana. Leitura em ambiente multimídia e a produção de inferências. 1999. 322 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1999.
- COSCARELLI, Carla Viana. Uma conversa com Gilles Fauconnier. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 5, n. 2, p. 291-303, 2005. Disponível em < <https://goo.gl/drnJZ7>>. Acesso em: 16 Mar. 2017.
- DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. Leitura: inferência e contexto sociocultural. Belo Horizonte: Formato/Saraiva, 1988. 225 p.

- DELL'ISOLA, Regina Lúcia Perét (Ed.). Glossário CEALE. 2016. Elaborado pela Faculdade de Educação da UFMG. Disponível em: <<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/>>. Acesso em: 16 dez. 2016.
- ESCUADERO, Inmaculada; LEON, José António. Procesos inferenciales en la comprensión del discurso escrito: Influencia de la estructura del texto en los procesos de comprensión. Revista Signos, Valparaíso, v. 40, n. 64, p. 311-336, 2007. Disponível em < <https://goo.gl/9hAxiB>>. Acesso em 11 maio 2017. <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-09342007000200003>.
- ESCUADERO, Inmaculada. Las inferencias en la comprensión lectora: una ventana hacia los procesos cognitivos en segundas lenguas. Revista Nebrija de Lingüística Aplicada A La Enseñanza de Lenguas, Nebrija, n. 7, p.1-20, 2010. Disponível em: < <https://goo.gl/dt20Kj>>. Acesso em: 22 jan. 2017.
- FERREIRA, Sandra Patrícia Ataíde; DIAS, Maria da Graça Bompastor Borges. A LEITURA, A PRODUÇÃO DE SENTIDOS E O PROCESSO INFERENCIAL. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 9, n. 3, p.439-448, 2004. Semestral. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v>. Acesso em: 11 jul. 2017.
- FAUCONNIER, Gilles. Mental spaces: aspects of meaning construction in natural language. New York: Cambridge University Press, 1994.
- FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. The Way We Think: Conceptual Blending And The Mind's Hidden Complexities. Nova Iorque: Perseus Books Group, 2002. 464 p.
- FAUCONNIER, Gilles. (Comp.). Cognitive Construction of Meaning. 2015. Disponível em: <<http://www.cogsci.ucsd.edu/~faucon/BEIJING/description.html>>. Acesso em: 19 jan. 2017
- LEÓN, José Antonio. La mejora de la comprensión lectora: un análisis interactivo. Infancia y Aprendizaje, Madrid, v. 56, p.5-24, jun. 1991. Semestral. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=48379>>. Acesso em: 16 dez. 2016
- LEÓN, José António. Una introducción a los procesos de inferencias en la comprensión del discurso escrito. In: LEÓN, José António. Conocimiento y discurso: Claves para inferir y comprender. Madrid: Piramide, 2003. Cap. 1. p. 23-45.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Compreensão textual como trabalho criativo. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. Caderno de formação: formação de professores didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 89-103, v. 11.
- MONFORT, Isabelle; MONFORT, Marc. Inferencias y comprensión verbal en niños con trastornos del desarrollo del lenguaje. Revista de Neurología, Madrid, n. 56, p.141-146, 2013.
- SALCEDO, Juan C. Ripoll. Una clasificación de las inferencias pragmáticas orientada a la didáctica. Investigaciones Sobre Lectura, [s. L.], n. 4, p.107-122, jul. 2015. Disponível em: <<http://comprensionlectora.es/revistaisl/index.php/revistaISL/article/view/43>>. Acesso em: 11 maio 2017.
- TRABASSO, Tom; MAGLIANO, Joseph P. Conscious understanding during comprehension. Discourse Processes, [s. L.], v. 21, n. 3, p.255-287, maio 1996. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/01638539609544959>.

*Recebido em 16/07/2018
e aprovado em 10/09/2018.*